

## A construção da abordagem histórica numa perspectiva afrocentrada por meio do uso da poesia negra em sala de aula

*Fábio Eduardo Cressoni*

cressoni@unilab.edu.br

Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a categoria epistemológica e teórica afrocêntrica para, em seguida, demonstrar suas possibilidades de uso para o ensino de história na educação básica. Para tanto, optamos por expor o referido conceito a partir da obra de Assante (2009; 2014), problematizando suas origens e fundamentos para, em seguida, indicarmos como este referencial pode ser adotado para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem na área de história. O caminho teórico-metodológico adotado na escrita deste artigo nos conduz sequencialmente a compreensão da ideia de quilombismo, de acordo com as definições propostas por Abdias do Nascimento. Em seguida, dotados deste escopo pedagógico, passamos a observar como a literatura elaborada pelos poetas negros Solano Trindade e Oliveira Silveira permite inserir esta perspectiva em sala de aula. Finalizamos esta reflexão, apresentando parte da produção literária cearense no contexto abolicionista.

**Palavras-chave:** Ensino de história; Pensamento afrocêntrico; Quilombismo.

## The construction of the historical approach in a perspective afrocentrated by the use of black poetry in classroom

### ABSTRACT

This paper aims to present the epistemological and theoretical afrocentric category to then demonstrate its possibilities of use for the teaching of history in basic education. In order to do so, we have chosen to expose this concept Assante (2009; 2014), problematizing its origins and foundations, and then indicate how this reference can be adopted for the development of the teaching-learning process in the history area. The theoretical-methodological path adopted in the writing of this article leads us

sequentially the understanding of the idea of quilombismo, according to the definitions proposed by Abdias do Nascimento. Then, endowed with this pedagogical scope, we begin to observe how the literature elaborated by the black poets Solano Trindade and Oliveira Silveira allows to insert this perspective in classroom. We conclude this reflection, presenting part of Ceará's literary production in the abolitionist context.

**Key words:** History teaching; Afrocentric thinking; Quilombismo.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a categoria epistemológica e teórica afrocentrica para, em seguida, demonstrar suas possibilidades de uso para o ensino de história na educação básica. Para tanto, optamos por expor o referido conceito, problematizando suas origens e fundamentos para, em seguida, indicarmos como este referencial pode ser adotado para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem na área de história. O caminho teórico-metodológico adotado na escrita deste artigo nos conduz sequencialmente a compreensão da ideia de quilombismo, de acordo com as definições propostas por Abdias do Nascimento.

Em seguida, dotados deste escopo pedagógico, passamos a observar como a literatura elaborada pelos poetas negros Solano Trindade e Oliveira Silveira permite inserir esta perspectiva em sala de aula. Finalizamos esta reflexão, apresentando parte da produção literária cearense no contexto abolicionista.

Desta forma, nos propomos a analisar, de maneira comparativa, os escritos poéticos cearenses acerca da população africana e afro-brasileira escravizada e de seu processo de libertação com os textos que podem ser pensados na lógica da abordagem quilombista. Este exercício busca indicar os problemas do enunciado abolicionista do Ceará para o ensino de história, ao mesmo tempo em que apresenta outra opção teórico-metodológica a ser adotada nas escolas, centrada na África e em sua experiência diaspórica pelo mundo, em especial na formação da sociedade brasileira.

## AFROCENTRICIDADE E QUILOMBISMO: CONTRIBUIÇÕES DE MOLEFI ASANTE E ABDIAS DO NASCIMENTO

A primeira premissa que devemos ter em mente ao pensarmos o conceito de afrocentricidade diz respeito a suas origens. Trata-se de um paradigma elaborado pelo intelectual afro-americano Molefi Kete Asante, na década de 1980. As primeiras ideias sistematizadas por Asante em relação a esta proposta foram publicadas na obra *Afrocentricidade: a teoria de mudança social* (2014).

No Brasil, os principais divulgadores das ideias de Asante são os professores Renato Nogueira Jr. (UFRRJ) e Elisabeth Larkin Nascimento (Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros). O primeiro dedicou parte de seu trabalho a tradução de textos do pensador

afro-americano, bem como publicou trabalhos significados nesta temática, a partir do pensamento de Asante, em especial no que se refere a constituição de um currículo afrocentrado para a educação básica. Já a segunda se destaca pela organização da obra *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*, trabalho que reúne textos de diferentes autores, entre eles o próprio Asante, além de outros importantes teóricos afrocentrados, como a própria Elisabeth e Abdias do Nascimento.

Na década de 1960, alguns intelectuais afro-americanos inseriram novos estudos nas universidades, a partir de uma forma de conhecimento que ficaria conhecida como Estudos Negros. Esta proposta se fundamentava na ideia da articulação de saberes baseados em perspectivas negras, capazes de se contrapor ao conhecimento hegemonicamente branco produzido no interior da academia estadunidense (NOGUEIRA JR. 2010, p. 01).

As origens do pensamento afrocentrado proposto por Asante nos remete ao século XIX, em direção as primeiras ideias relativas ao projeto político de união africana, isto é, do pan-africanismo, bem como da articulação entre conceitos atrelados aos estudos pós-coloniais e da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, nos anos de 1960 (NOGUEIRA JR. 2010, p. 02).

Desta junção entre teoria e ativismo negro, destacamos nomes como W.E.B. Du Bois, historiador e ativista afro-americano, considerado um dos precursores do movimento pan-africanista, e Cheikh Anta Diop, historiador senegalês que defendeu a tese da existência de um Egito negro, como forma de se combater o racismo científico. Ao lado destes, enfatizamos o afro-martinicano Franz Fanon, autor de vários estudos sobre o racismo, além de ter atuado na luta pela libertação da Argélia, na década de 1950. A partir da segunda metade do século XX, podemos citar outros nomes importantes que contribuíram para a consolidação do pensamento negro, tais como Malcom X, Amílcar Cabral e Maulana Karenga (RABAKA, 2009), todos estes com notória influência sobre as ideias de Asante.

Segundo Asante (1999), um dos principais conceitos ligados a afrocentricidade seria a ideia de agência. A agência, neste caso, depende sempre do sujeito que a movimenta, isto é, de seu agente. O agente seria o sujeito que consegue operar seus movimentos de maneira autônoma, adotando formas de pensar e agir em conformidade com seus interesses. Desta forma, a agência diz respeito aos recursos que necessitam ser mobilizados para que este indivíduo consiga alcançar sua liberdade. A população negro-africana e negro-africana-diaspórica deve se atentar a sua posição nos projetos políticos, econômicos, sociais, éticos e epistêmicos que representam esta população. Dentre estes projetos, destaca-se a escrita e o ensino da história.

Para Asante, é necessário constituir uma centralidade negro-africana aqui (diáspora) e acolá (continente africano), fundamentada nos valores ancestrais civilizatórios deste povo, a partir de “um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos, atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus interesses humanos” (1999, p. 93). Daí decorre a atenção do indivíduo a toda ação excludente, capaz de deslocá-lo e oprimi-lo, diante da centralidade focada na experiência de seu opressor.

Deslocado de sua centralidade, posto em desagência em seu próprio mundo, o africano deixa de ser sujeito da história. Todavia, a proposta que estamos a apresentar, evidencia justamente o contrário: “o objetivo do afrocentrista é manter o africano dentro, e no centro, de sua própria história” (ASANTE, 1999, p. 97).

Trata-se, pois, de uma dupla missão, ou seja, primeiramente descortinar e debater uma produção científica negra produzida no continente e também na diáspora. A segunda tarefa neste quadro teórico destaca a emergência de se compreender os fundamentos desses saberes, bem como o contexto atual de seu estado da arte. A partir deste exercício, é possível notar a intencionalidade desta junção:

Uma missão da abordagem afrocentrada recente é desvelar e estudar essa produção, negada e escamoteada por um Ocidente que se autodenominou o único dono da ciência. Outra missão é levantar, estudar e articular as bases teóricas e epistemológicas das expressões atuais de matriz africana de conhecimento, como a filosofia religiosa tradicional. A característica principal e o foco central dessas duas missões é a agência dos africanos na própria narrativa (NASCIMENTO; FINCH III, 2009, p. 42).

Para evidenciar uma produção científica focada nesta perspectiva, Asante (2009) informa-nos acerca das cinco premissas básicas a serem consideradas na constituição de uma interpretação afrocentrada. São elas: 01) interesse pela localização psicológica; 02) compromisso com a descoberta do lugar do africano como sujeito; 03) defesa dos elementos culturais africanos; 04) compromisso com o refinamento léxico; 05) compromisso com uma nova narrativa sobre a história da África.

Em relação a primeira questão levantada pelo autor, trata-se de questionarmos qual nosso posicionamento diante da escrita e do ensino da história? Conforme indica-nos Asante, “uma pessoa está deslocada ou descentrada de sempre que se posicionar a partir de experiências que não fazem parte de sua história, sempre que operar centrada nas experiências de outrem” (2009, p. 96).

A primeira premissa aqui apontada deve possibilitar ao indivíduo condições de problematizar a noção de tempo histórico a partir de características próprias da experiência afrocentrada. Sobre este desdobramento, inerte a segunda questão proposta por Asante, Nogueira Jr. (2010) afirma que a compreensão da temporalidade deve partir do presente do sujeito, direcionando-o ao entendimento de sua ancestralidade como elemento fundador desse tempo. Observa-se, deste modo, como o passado atribuí significado ao tempo atual, definindo-o e justificando-o:

(...) a inserção de uma temporalidade afrocentrada não deve estar devotada para a busca de um passado idealizado, nem de uma África mítica, porém se trata de aprender com as gerações antigas e entender que o presente só é possível pelo passado que o antecede (NOGUEIRA JR., 2010, p. 08).

Essa compreensão própria do presente, faz-se exercitar pela construção de um passado próprio. Nesse sentido, devemos entender a terceira premissa arquitetada por Asante. A fundamentação da ancestralidade advém da identificação, adoção e divulgação dos

elementos que fornecem as bases para a compreensão da forma de ser vivenciada no continente e na diáspora:

(...) não se pode assumir uma orientação voltada à agência africana sem respeitar a dimensão criativa da personalidade africana e dar um lugar a ela. Deve haver a compreensão dos elementos africanos linguísticos, psicológicos, sociológicos, filosóficos e dos valores, hábitos, costumes e religião sem impor interpretações eurocêntricas ou não africanas (ASANTE, 2009, p. 98).

Feita essa junção das bases citadas pelo autor, tomadas aqui como fundamentos do tempo histórico presente, a partir da significação ancestral do passado, tem-se o desafio da escrita e do ensino da história. Daí decorre a quarta premissa do pensamento afrocêntrico, destinada ao refinamento léxico que visa ressignificar o lugar do sujeito negro na construção da abordagem histórica. Uma característica própria desse lugar diz respeito a necessidade de se desconstruir paradigmas que enunciam representações negativas sobre a historicidade negro-africana e sua diáspora:

Livrar-se da linguagem da negação dos africanos como agentes na esfera da história da África reduzidos a condição de inferioridade, não-humanos, selvagens de segunda classe. O pensamento afrocentrado se encaixa no processo de desvelar e corrigir as distorções decorrentes desse léxico convencional da história africana (ASANTE, 1999, p. 99).

Junto à esta desconstrução, têm-se a emergência de não mais se estudar a África apenas na sua relação com a Europa. Devemos pensar sua localização de maneira interrelacional. Logo, decorre a seguinte indagação: como diferentes grupos sociais se comunicavam e estabeleciam processos de mediação a partir de características próprias, quer seja no continente africano, quer seja nas diásporas? Asante exemplifica esta questão a tratar dos esquemas propostos por uma historiografia que produz “um tipo de pesquisa direcionada, que não permite ao pesquisador entender as inter-relações com culturas adjacentes ou contíguas” (ASANTE, 1999, p. 100).

Apresentado o conceito de agência, sua dupla finalidade e as premissas que devem ser consideradas para a fundamentação da categoria epistêmica e teórica afrocentrada, podemos nos concentrar em uma de suas variantes, aqui proposta por Abdias do Nascimento, ou seja, o quilombismo.

De acordo com Flores e Amorim (2011), o quilombismo pode ser compreendido como uma teoria social e política, cujas bases se assentam nas experiências comunais de matriz africana postas em funcionamento nas Américas e no Caribe. Ele visa, de acordo com os autores, a desconstrução de estigmas constituídos no decorrer da formação da sociedade brasileira.

São justamente estes estigmas, centrados nas narrativas em torno da escravidão e da abolição, a partir de um protagonismo não-negro, que impedem o estabelecimento da centralidade negro-africana e negro-diaspórica na construção da abordagem histórica. Falar da África e da experiência de seus descendentes no Brasil em sala de aula significa tão somente

tratar da compreensão de tempo linear progressivo que desdobra a escravidão em alforria? Dito isto, podemos considerar que estes estigmas inviabilizam qualquer tipo de discussão que possa nos conduzir a compreender os valores civilizatórios negro-africanos baseados em uma outra experiência temporal, assentada em sua ancestralidade.

Entre as décadas de 1940 e 1960, Abdias do Nascimento (1914-2011), por intermédio do Teatro Experimental do Negro (TEN), visou problematizar a questão racial no país, buscando, ao mesmo tempo, empoderar a população afro-brasileira e conscientizar a população não-negra sobre os agravos decorrentes de nossa estrutura colonial-racial e seus impactos naquele momento histórico.

Na sequência, entre as décadas de 1960 e 1980, Abdias pode ser compreendido a partir de sua luta política para além do ideário pedagógico posto em prática por meio dos palcos. Sua atuação como intelectual e militante negro o conduzem a confrontar as ideias de Gilberto Freire acerca do mito da democracia racial, ao mesmo tempo em que ele se integra à luta internacional, unindo-se ao movimento pan-africanista. Internamente, suas movimentações políticas o elevaram a ocupar espaço no Congresso Nacional, tendo, inicialmente, assento como deputado federal e, mais tarde, como senador da República.

A que se perguntar pelos fundamentos desse percurso, ou seja, pelos cinco elementos que categorizam a perspectiva afrocentrada e sua agência – localização no presente, baseada na ancestralidade – e de que maneira estes estariam presentes nas ideias de Abdias do Nascimento? O quilombismo de Abdias, pode ser pensado como projeto intelectual negro coletivo, cuja tratativa dos cinco elementos aqui citados se tornam pedagógicos, à medida que sua *episteme* requer de nós uma dupla finalidade: aprender-para-transformar e vice-versa:

O negro trouxe até a última gota os venenos da submissão imposta pelo escravismo, perpetuada pela estrutura do racismo psicossocial-cultural que mantém atuando até os dias de hoje. Os negros têm como projeto coletivo a ereção de uma sociedade fundada na justiça, na igualdade e no respeito a todos os seres humanos, na liberdade; uma sociedade cuja natureza intrínseca torne impossível a exploração econômica e o racismo. Uma democracia autêntica, fundada pelos destituídos e os deserdados deste país, aos quais não interessa a simples restauração de tipos e formas calcadas de instituições políticas, sociais e econômicas as quais serviam unicamente para procrastinar (adiar) o advento de nossa emancipação total e definitiva que somente pode vir com a transformação radical das estruturas vigentes. Cabe mais uma vez insistir: não nos interessa uma proposta de adaptação aos moldes de sociedades capitalistas e de classes. Esta não é a solução que devemos aceitar como se fora mandamento inelutável. Reinvenção de um caminho afro-brasileiro de vida fundado em sua experiência histórica na utilização do conhecimento crítico e inventivo de suas instituições golpeados pelo colonialismo e o racismo. Enfim reconstruir no presente uma sociedade dirigida ao futuro, mas levando em conta o que ainda for útil e positivo no acervo do passado. (NASCIMENTO, 1980, p. 262).

Parece-me que encontramos no quilombismo a junção de dois verbos que não podem ser concebidos separadamente. Resistir para existir. Novamente, acenamos para a compreensão de tempo histórico afrocentrado que, no quilombismo, tal qual as ideias de Asante, foca-se no presente, a partir das particularidades do passado, ou nas palavras do próprio Abdias, na elevação da autoestima da população afro-brasileira por meio de seu acervo.

A relação entre esse acervo e as concepções de resistência e existência podem ser pensadas a partir das ideias de Souza sobre a possibilidade de uma comunidade aquilombar-se. Segundo a autora:

A ideia central do movimento de aquilombar-se reside nas várias estratégias e mobilizações impetradas nos quilombos, mocambos, terras de pretos, terras de santo (dentre outras denominações existentes) ao longo da história do País, para manterem-se íntegras física, social e culturalmente. A perspectiva de resistência é intrínseca, porém a resistência traz em si a concepção fundamental de existência. Essa existência histórica fundamenta-se e ressemantiza-se no presente, no existir atual (2008, p. 106).

A esse processo não dicotômico de resistência-existência soma-se um terceiro fator: a autonomia. Ao pensar a construção identitária quilombola atual na sociedade brasileira, Souza propõe que esse tripé seja vetor da ideia de aquilombar-se face a tentativa de reduzir o Outro (negro) a Si Próprio (não-negro):

A resistência e autonomia, aspectos fundamentais da construção identitária das comunidades quilombolas, são também as linhas motoras do movimento de *aquilombar-se*. Por meio de estratégias as mais distintas possíveis, essas comunidades se estabelecessem enquanto locus de alteridade em relação a dita sociedade nacional e reivindicam o reconhecimento de sua cultura, de seus costumes, de suas formas de organização. Essa busca por reconhecimento passa, de forma elementar, pelo reconhecimento de seu território, a partir da lógica que o fundamenta, distinta da perspectiva privada, abarcando uma dimensão holística dos aspectos sociais, culturais e econômicos desses grupos (SOUZA, 2008, p. 106-107).

Compreendemos a dimensão holística citada pela autora como cosmovisão de mundo. Nesse sentido, procuramos explicar a existência humana a partir das especificidades dessa compreensão do universo, nas suas mais distintas interseções. Assim o faz Abdias, ao pensar o quilombismo e propor, com este, a consolidação científica dos meios dispostos a resistir, existir e proporcionar autonomia as cosmovisões africanas e afrodiáspóricas:

Assegurar condição humana das massas afro-brasileiras há tantos séculos tratadas e definidas de forma humilhante e opressiva, é o fundamento étnico do quilombismo. Deve-se assim compreender a subordinação do quilombismo ao conceito que define o ser humano como seu objeto e sujeito científico, dentro de uma concepção de mundo e de existência na qual a ciência constitui uma entre outras vias do conhecimento. (NASCIMENTO, 1980, p. 264).

A história, igualmente a outros conteúdos que balizam o currículo na educação básica brasileira, na construção de suas abordagens, também pode contribuir para efetivar esse desafio. Nesse sentido, diante desta breve exposição sobre os conceitos de afrocentricidade e quilombismo, passaremos a tratar da possibilidade da escrita de uma outra história. Iremos percorrer este caminho a partir do uso da literatura afro-brasileira como fonte para o ensino desta disciplina em comparação com os escritos cearenses acerca da escravidão e de seu suposto proto-abolicionismo.

## USOS E ABUSOS DA LITERATURA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: OLIVEIRA SILVEIRA E SOLANO TRINDADE DIANTE DA NARRATIVA ABOLICIONISTA CEARENSE

A presença de elementos literários para a escrita e o ensino da história podem ser pensadas por intermédio da compreensão das condições sociais de uma obra literária, aqui tomada como um dado cultural. Neste sentido, Thompson (1987) afirmará que um texto desta natureza pode indicar dados biográficos, políticos, econômicos, culturais e sociais, fazendo-se, pois, uma experiência social vivida.

A esta experiência se soma a compreensão da estrutura de sentidos (WILLIAMS, 1989) dessa narrativa, que pode proporcionar uma série de perguntas ao historiador. Trabalhos notoriamente reconhecidos no Brasil, como os de Sevcenko (1995) e Chalhoub (1991), sinalizam a relação entre literatura e histórica e suas diferentes possibilidades de investigação. Guiados por estas perspectivas, em consonância com os elementos anteriormente expostos acerca das ideias de Asante e Nascimento, passamos a apresentar dois poemas de autores afro-brasileiros: Oliveira Silveira e Solano Trindade.

Gaúcho, graduado em letras e com atuação expressiva como poeta e professor, Oliveira Silveira (1941-2009) ganharia notoriedade nacional em 1971, ao propor, em conjunto com o coletivo político Palmares, a adoção do dia 20 de novembro como data alusiva a consciência negra. Decorre de sua oposição as comemorações ligadas ao dia 13 de maio sua proposta, no sentido de denunciar o racismo no Brasil (CHAVES; AMORIM, 2011).

Podemos ler seu *Poema sobre Palmares* (1987) nesta perspectiva. Operando como denúncia, ele visa centrar o lugar do sujeito negro na história, articulando os elementos propostos por Asante ao mesmo tempo em que identificamos seu movimento de aquilombar-se na construção de sua abordagem histórica:

Nos pés tenho ainda correntes  
nas mãos ainda levo algemas  
e no pescoço gargalheira,  
na alma um pouco de banzo  
mas antes que ele me tome,  
quebro tudo, me sumo na noite  
da cor de minha pele,  
me embrenho no mato  
dos pelos do corpo,  
do sangue,  
vão nas asas negras  
da alma,  
regrido na floresta  
dos séculos,  
encontro meus irmãos,  
é Palmar,  
estou salvo !

(...)

Zumbi – nome gravado  
A lança  
Nos contrafortes da serra,  
A sangue  
nos contrafortes da história,  
a fibra  
na alma forte dos negros!  
Palmar !  
guarnecendo a memória dos teus  
bravos !

Palmar !

Arranquem todas as palmeiras  
e mais se encravará  
a raiz dessa memória,  
quebrem os contrafortes  
e não se abalará  
tua glória,  
queimem a história toda  
e verão que és eterno !

Senhor historiador oficial,  
deixe o sobrado, a casa-grande,  
recue na linha do tempo,  
mergulhe no espaço geográfico,  
peça licença, limpe os pés,  
se deixe abocanhar por um quilombo,  
mastigar pelas choças,  
meta-se no bucho do Palmar,  
escute aí seu coração tambor  
e veja o sangue digno  
fluindo generoso  
nas veias caudalosas.

Desde o alto da serra da Barriga  
Olhe rumo ao litoral;  
Veja num lado história, noutra escória.  
Depois comece a contar.

(...)

Para Palmares veio negro  
que não gemia nos açoites  
E pelo mato escuro veio negro  
que se escondeu na própria noite.  
Pela selva fechada veio negro  
para quem o Palmar foi clareira  
No rastro uns dos outros vieram negros,  
cães acuados farejando o cheiro.  
E negro roubado a esmo  
do cativo para a liberdade,

do senhor para si mesmo.

Calunga ficou no litoral  
mas o supremo Nzambi,  
o amuado Calundu  
e o espírito bantu dos ancestrais,  
deuses jejes,  
divindades da costa da Guiné,  
todos chegaram logo  
pra acompanhar seu povo, e houve fé.

(...)

E ressurgiu adiante, cerne  
Do tronco de mais quilombos,  
Um tal negro Kamuanga nesta mesma  
Região dos Palmares,  
O quilombo do Cumbe – Paraíba,

(...)

Em campos e cidades,  
Em Luís Gama, Rebouças, Patrocínio,  
Cruz e Sousa emparedado,

(...)

Frente Negra, imprensa negra,  
João Cândido, Solano e Abdias,  
(...)

Falsificaram os livros de história,  
trocaram os heróis,  
botaram máscara de carnaval  
nos fatos,  
botaram fogo nos documentos  
do tráfico e do crime  
e então ficamos sendo os que não vieram,  
ficamos sendo os que não são,  
ficamos sendo estas ruínas  
em auto-reconstrução.

Mas a luta prossegue, estrada longa  
abrindo seu próprio sulco  
e picadas  
rio longo cavando seu leito,  
buscando uma foz.  
A luta continua e é por isso  
que este poema é um quilombo.

(...)

Quilombo de negro negro,  
quem quiser que se negue  
e se entregue.

Quilombo de negro pobre  
e quiser que se acomode.  
Quilombo de negro hoje  
sem mato para refúgio.

Quilombo com outro nome  
outra forma e mesma voz  
libertária do homem.

Quilombo de quilombola  
renascendo na seiva  
Sangrenta  
da história.

(SILVEIRA, 1987, p. 1-2, 13-14, 17).

Consideramos que os cinco elementos que fundamentam a perspectiva de Asante estão presentes no poema apresentado. Desta maneira, parece-nos ainda que as categorias propostas por Nascimento em relação ao quilombismo poder ser pensadas face este recurso literário para o ensino de história. Todavia, trata-se de conceber o emprego da narrativa em consonância com a abordagem afrocentrada quilombista.

Ao abordar a história do quilombo dos Palmares, Silveira nos convida a adotar outra centralidade, focada na experiência africana e sua diáspora. Ele opera essa ação demonstrando preocupação com o tempo presente, ao tratar da escrita e do ensino da história quando confronta o lugar do historiador oficial.

A desconstrução e reconstituição da noção de tempo é afrocentrada na busca pela ancestralidade, a qual, conforme já observado, se eleva na perspectiva de se resistir para existir, de maneira autônoma. Assim o faz Silveira, ao tratar da relação entre Palmares e o continente africano, a partir de suas diferenças, mas, sobretudo, de uma experiência comunal comum assentada em uma das características dos valores civilizatórios negro-africanos: a religiosidade. A partir dessa ligação, ele retoma outros exemplos posteriores (João Candido, Luiz Gama, etc.), ao mesmo tempo em que identifica o elo entre essa ancestralidade matricial africana e o movimento negro brasileiro.

Logo, identificamos o refinamento léxico de sua escrita e, por conseguinte, seu compromisso com a constituição de uma outra narrativa, que nos proporciona a possibilidade de pensarmos, de maneira aquilombada, o presente, revisitando nosso passado colonial, imperial e republicano a partir de outras lentes, distantes da alteridade eurocentrada e colonialista que nos permeia. A sequência final do poema permite essa afirmação, à medida que retoma o tempo histórico presente transitando da denúncia em direção a resistência e projeção de um futuro projetado na ideia moderna de quilombo, como espaço de reconhecimento, existência e autonomia alçada em sua própria história.

De maneira análoga, concebemos a escrita poética do pernambucano Solano Trindade (1908-1974). Participante da Frente Negra Pernambucana e do TEN, ao lado de Abdias do

Nascimento, buscamos interpretar seu poema *Zumbi* de acordo com as mesmas hipóteses estabelecidas para a narrativa anteriormente apresentada:

Zumbi morreu na guerra,  
eterno ele será,  
é justo e companheiro,  
morreu pra libertar.  
Zumbi morreu na guerra  
Eterno ele será  
Se negro está lutando  
Zumbi presente está  
Herói cheio de glória  
Eterno ele será  
À sombra da gameleira,  
a mais frondosa que há  
(TRINDADE, apud CHAVES; AMORIM, 2011, p. 68).

A questão da resistência e o uso do passado é posto em jogo, na mesma escala da poesia de Oliveira Silveira. Para Trindade, a centralidade de sua narrativa se desloca do opressor em direção ao protagonismo do oprimido. Projeta-se, desta forma, um compromisso com outra perspectiva em relação a questão da existência e da autonomia coletiva da população afro-brasileira no tempo histórico presente.

Partindo de uma perspectiva comparativa com os elementos epistêmicos e teóricos aqui apresentados e sua relação com a defesa da construção de uma outra abordagem histórica para a escrita e o ensino da história, a partir da poesia negra aqui exposta, passamos a analisar o conteúdo literário dos poetas cearenses no contexto abolicionista.

Inicialmente, cabe salientarmos que no final da década de 1870, a vila de Acarapé, situada atualmente na região denominada Maciço do Baturité, constituiu uma sociedade abolicionista denominada *Perseverança e Porvir* a qual, em 1880, se desdobraria em outra entidade: a *Sociedade Cearense Libertadora*. O principal órgão de imprensa que divulgaria as ideias de seus integrantes teria sido o jornal *Libertador*, periódico que circulou de 1881 a 1892 (AZEVEDO, 1984).

Ao acompanhar alguns dos poemas impressos em suas páginas, podemos aferir qual tipo de abordagem histórica pode ser constituída para o a escrita e o ensino da história, pensando especificamente na educação básica. Desta forma, podemos exercitar a comparação entre os elementos epistêmicos e teóricos que fundamentam a escrita de Oliveira Silveira e Solano Trindade com a narrativa não-negra cearense sobre a libertação escrava na província e seus desdobramentos na construção da memória coletiva cearense em torno desse processo. Fazemos isso na perspectiva de identificar quais os pressupostos que balizaram os argumentos desta narrativa centralizada no suposto pioneirismo abolicionista redencionista, uma vez que a atual cidade de Redenção, anteriormente designada como Vila de Acarape teria sido o primeiro município brasileiro a abolir a escravidão no país, em 1883, portanto, pouco mais de cinco anos antes da assinatura do decreto da Lei Áurea, em maio de 1888.

Escritos como do poeta fortalezense Juvenal Galeno (1838-1931), membro das sociedades abolicionistas citadas, nos direcionam a um sentimento de lamento em torno do problema da escravidão. Em um de seus poemas, *A escrava*, publicado pela primeira vez em 1865, ele se entristece com a história de Maria, uma escrava já idosa advinda do reino do Congo, que não alcançaria sua liberdade, além de ter sido submetida a maus tratos ao longo de toda sua vida:

Não posso lembrar-me dela,  
Sem logo os olhos molhar...  
Pois neste vale de lágrimas  
Sem trégua foi o seu penar;  
Não pude nunca esquecê-la  
Nas horas de recordar!

(GALENO, 1978, p. 278).

Na sequência do poema, observamos o continente africano não mais como perspectiva de uma nova centralidade, cujo deslocamento possa conduzir Maria a valorização de sua ancestralidade e, por consequência, a confrontar sua existência com sua resistência e luta por autonomia.

Chorando viu-se embarcada...  
Vendida em breve também...  
Curtindo extrema saudade  
De suas terras d'além...

Contar-vos seus sofrimentos,  
Ai, quem poderá? Ninguém!  
Que o diga porém o canto,  
Aquela triste canção,  
Que muita vez escutei-lhe,  
Quando á noite, no grilhão,  
Seu destino lamentava  
Ao gemer da viração (...)

(GALENO, 1978, p. 280).

Ao contrário, da abordagem histórica pautada nas ideias de Asante e Nascimento, o poema de Galeno insere a África apenas como ponto de partida comparativo com o continente americano, a partir de uma necessidade eminente de uma fração da Europa: a escravização do Outro para efeito de suas práticas comerciais. Na sequência, daquilo que se lê, evidencia-se tão somente a tristeza pelos castigos psicológicos e físicos impostos a velha Maria.

Outros textos do mesmo autor, como *O escravo* e *A noite na senzala*, seguem esta mesma perspectiva. Ademais, quando o poeta desloca a centralidade em torno da temática do lamento piedoso em função do êxodo e da violência física e simbólica, notamos a construção do protagonismo abolicionista cearense como prática de sujeitos são-negros, como o próprio Galeno que, em *O abolicionista*, texto de 1882, afirma ser ele mesmo um soldado desta

causa, disposto a gravar seu nome na memória coletiva da população. Para isso, ele se assume como protagonista da história:

Sou com todo o entusiasmo  
Soldado abolicionista!  
Da falange remidora  
Meu nome escrevi na lista.  
E nos Santos Evangelhos  
De minh'alama pondo a mão,  
Jurei dar a própria vida  
P'ra acabar a escravidão!

(GALENO apud AZEVEDO, 1984, p. 32).

Outros poetas cearenses, como Oliveira Paiva (1861-1892), Cipriano de Almeida (?-?) e Barbosa de Freitas (1860-1883), quando não aludem a si próprios como protagonistas da libertação da população negra escravizada na província do Ceará, adotam em suas narrativas um discurso essencialista em torno da *Sociedade Cearense Libertadora*. O último autor mencionado chega a redigir sua *Homenagem à Sociedade Cearense Libertadora*, originalmente publicado em 1881, texto no qual o binômio escravidão-liberdade serve apenas para condenar os proprietários de negros escravizados e ressaltar o papel pioneiro da instituição a qual ele pertencia. O mesmo esquema narrativo se aplica a Rodolfo Teófilo (1853-1932) que, em 1883, publica no *Libertador* o poema *Saudação*, ao qual têm-se referência ao abolicionismo em Pacatuba (AZEVEDO, 1984).

Autores como Antônio Bezerra de Meneses (1841-1921), Justiniano de Serpa (1852-1823) e Antônio Martins (1852-1895) publicariam, em 1883, um conjunto de textos intitulados *Três líras*, por ocasião do protagonismo da sociedade abolicionista em Acarapé. Memorialistas republicanos que se encarregariam de construir uma abordagem histórica acerca desse processo, como Antônio Sales e Raimundo Girão, seguiriam a mesma lógica dos poetas abolicionistas, isto é, a opção pela escrita e pelo ensino de uma história a partir de uma perspectiva não-negra.

Antônio Sales, neste caso, atribuiria, em obra organizada por Raimundo Girão e Antônio Martins Filho, o título de poetas oficiais do movimento abolicionista aos autores das *Três líras* (SALES, 1939). Já Girão, em *A abolição no Ceará* (1969), informa-nos que os jornais cearenses divulgariam, no decorrer da década de 1880, os autores que citamos, bem como outros.

Essa construção da abordagem histórica ganha contornos em outros espaços de produção e difusão da memória no estado de Ceará, já no período republicano. Ana Amélia Rodrigues de Oliveira (2010), informa-nos sobre a criação do Museu Histórico do Ceará, em 1932, como herança de um patrimônio historiográfico oitocentista forjado em torno do ideário de uma história nacional que incorporaria a narrativa do negro liberto pelo não-negro. Destinado a educar, o museu passa a inserir, com Eusébio de Queiroz, seu primeiro diretor, a temática da abolição, destacando, pois, as publicações do *Libertador*.

Na sala do museu, a época em que Queiroz encontrava-se dirigindo esta instituição, destacava-se, ao lado da poesia divulgada na imprensa propagandística a serviço da Socie-

*dade Abolicionista Cearense*, o quadro *Fortaleza liberta* (1884), de José Irineu de Sousa (1850-1924). De acordo com Oliveira, trata-se de uma memória construída como “negócios de brancos (...) o único negro que ganha destaque no quadro e também nas exposições do Museu Histórico é Francisco José do Nascimento. Isso porque a figura do ‘Dragão do Mar’ já havia sido incorporada a memória histórica oficial” (2010, p. 254-255).



*Fortaleza liberta* (1884), quadro de José Irineu de Sousa. Acervo do Museu do Ceará.

Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa23691/jose-irineu-de-souza>; acesso em 18 out. 2017.

A proposta do Museu do Ceará em relação a elaboração de uma memória abolicionista pode ser pensada a partir do conceito de tradição inventada. Nesta perspectiva, informam-nos Hobsbawm e Ranger:

Por tradição inventada entende-se o conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento por repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se restabelecer a continuidade com um passado histórico apropriado (1984, p. 09).

Desta forma, concebemos os materiais inseridos neste espaço, dentre eles os poemas publicados no *Libertador*. Deste conjunto mesmo, selecionamos *Bravos* (1885), de Justiniano José de Serpa:

Estamos em pleno tempo  
Da liberdade e da luz!  
Como é belo o vosso exemplo!  
Como arrebatada e seduz!  
(...)

Anjos bons do Paraíso  
Fazeis de cada sorriso  
Poemas de Redenção;  
Partis do escravo as cadeias,  
Delas fazeis epopéias,  
Em honra desta nação!

(SERPA apud AZEVEDO, 1934, p. 36).

Novamente o protagonismo não-negro é evidenciado, invisibilizando qualquer outra possibilidade de articulação para a escrita e o ensino da história que não o pioneirismo abolicionista localizado no interior do Maciço do Baturité. O mesmo se observa quando nos atentamos a estrofe inicial do *Hino à Redenção da Província* (1884), alusivo a libertação do último negro escravizado no Ceará. Nos versos de Antônio Martins, seu autor, observamos suas opções acerca da interpretação deste processo:

Cearenses, cruzados da Glória,  
Nossa terra está livre de escravos!  
Hoje abriu-se no escopro da História  
O padrão deste povo de bravos

(MARTINS apud AZEVEDO, 1934, p. 36).

Trata-se, portanto, de edificar um determinado grupo social, ao mesmo tempo em que se proporciona o apagamento da população negra escravizada, bem como a impossibilidade de se narrar este processo a partir de outras perspectivas, como o fazem, por exemplo, Oliveira Silveira e Solano Trindade, conforme procuramos demonstrar. A escrita e o ensino da história, como indica-nos os dois últimos versos, se afirmaria a partir de um presente idílico, projetado por intermédio de um arquétipo próprio, capaz de gestar a libertação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das comparações expostas, procuramos demonstrar as potencialidades didáticas e pedagógicas do uso da poesia negra em sala de aula para o ensino de história na educação básica. Todavia, ressaltamos ao leitor e à leitora que esse processo demanda a opção epistêmica, teórica, metodológica e ideológica de se escrever uma nova história, a partir de outras referências e fontes. A diretiva deste processo, conforme buscamos demonstrar, pode se dar em consonância com a construção de abordagens afrocentradas, de acordo com as ideias de Asante. A elaboração dessa operação historiográfica e sua transposição para a sala de aula pode ser feita por intermédio do quilombismo ou de outras *epistemes* que visam enegrecer a produção científica voltada para o ensino de ciências humanas em diferentes níveis e modalidade de ensino destinados à educação básica brasileira.

Ao mesmo tempo, indicamos expor os problemas decorrentes da escrita da história e de seu ensino a partir do uso de outras fontes literárias, desconexas ao pensamento afrocen-

trado. Redutoras e, portanto, produtoras de alteridades negativas, estas idealizam e essencializam processos mais amplos e complexos, como a luta da população afro-cearense contra a escravização de negros e negras no período imperial, bem como o contexto do abolicionismo desta província. Concebemos que a divulgação dessa história transformada em memória coletiva perpetua um passado distante da realidade de grande parte da população negra no estado do Ceará, em especial de alunos e alunas das escolas públicas municipais e estaduais do interior e da capital.

No entanto, entendemos que para modificar essa realidade, posta em disputa no tempo histórico presente, é necessário construirmos outras abordagens históricas. Daí a necessidade eminente de focarmos nossa atenção as atuais contribuições científicas advindas do continente africano, bem como suas mais diversas experiências diaspóricas ao redor do globo na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade**: a teoria de mudança social. Trad. Ana Monteiro Ferreira, Ama Mizani e Ana Lucia. Philadelphia: Afrocentricity Internacional, 2014.

\_\_\_\_\_. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In.: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 93-110.

AZEVEDO, Sânzio. Os poetas cearenses e a abolição. **Revista da Academia Cearense de Letras**, 1984, p. 31-37. Disponível em [http://www.academiacearensedelettras.org.br/revista/revistas/1984/ACL\\_1984\\_05\\_Os\\_Poetas\\_Cearenses\\_e\\_a\\_Abolicao\\_Sanzio\\_de\\_Azevedo.pdf](http://www.academiacearensedelettras.org.br/revista/revistas/1984/ACL_1984_05_Os_Poetas_Cearenses_e_a_Abolicao_Sanzio_de_Azevedo.pdf); acesso em 05 set. 2017.

CHALOUB, Sidney. A história nas histórias de Machado de Assis: uma interpretação de Helena. **Primeira Versão**. n. 33. Campinas, IFCH/UNICAMP, 1991, p. 01-42.

FLORES, Élio Chaves; AMORIM, Alessandro. Protagonismo negro numa perspectiva afrocentrada. **Revista brasileira do Caribe**, São Luís, Vol. IX, n. 22. Jan-Jun 2011, p. 59-78.

**Fortaleza liberta** (1884). Tinta à óleo de José Irineu de Sousa. Acervo do Museu do Ceará. Disponível em <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa23691/jose-irineu-de-souza>; acesso em 18 out. 2017.

GALENO, Juvenal. **Lendas e canções populares**. 3. ed. Fortaleza: Casa Juvenal Galeno, 1978.

GIRÃO, Raimundo. **A abolição no Ceará**. 2 ed. Fortaleza: SECULT, 1969.

HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Trad. Celina Cardin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Elisa Larkin; FINCH III, Charles S. Abordagem afrocentrada: história e evolução. In.: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 37-70.

NOGUEIRA JR., Renato. Afrocentricidade e Educação: princípios gerais para um currículo afrocentrado. **Revista África e Africanidades**. Ano 3, n. 11, nov. 2010, p. 01-16.

OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues de. Memória em disputa: o negro e a abolição no Museu do Ceará. In.: FUNES, Eurípedes, et al. (Org.). **África, Brasil, Portugal**. História e ensino de história. Fortaleza: EdUFC/Expressão Gráfica e Editora, 2010, p. 229-251.

RABAKA, Reiland. Teoria crítica africana. In.: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 129-146.

SALES, Antônio Sales. História da literatura cearense. In.: GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. **O Ceará**. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1939.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3. ed., São Paulo, Brasiliense, 1989.

SILVEIRA, Oliveira. **Poema sobre Palmares**. Porto Alegre: Edição do Autor, 1987.

SOUZA, Bárbara Oliveira. **Aquilombar-se**: Panorama histórico, identitário e político do movimento quilombola brasileiro. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade de Brasília (UnB), Brasília (DF), 2008.

THOMPSON, Edward. P. **A formação da classe operária inglesa**, v. I. Trad. Renato Bussato Netto e Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na história e na literatura**. Trad. Paulo Henrique de Britto. São Paulo; Cia das Letras, 1989.

Submetido em: 22/01/2019

Aceito em: 15/05/2019